

Desejo, narração e sobrevivência: construção metaficcional em *Dunyazadíada*, de John Barth

Doutoranda Cícera Antoniele Cajazeiras da Silva (UFPB)ⁱ

Resumo:

Este trabalho se propõe à análise de Dunyazadíada (Dunyazadiad), novela inserida na coletânea Quimera (Chimera, 1972), de John Barth, que, através da recriação de As Mil e Uma Noites, acentua a relação entre desejo e narração, suscitando aspectos metaficcionais. O desejo, materializado na história através do desejo sexual e da luta de Scheherazade pela sobrevivência se relaciona com os desejos envolvidos na dinâmica do contar histórias: o desejo do leitor/ouvinte (pelo prazer de conhecer a narrativa), o desejo do autor/contador (pela construção da narrativa) e a potência da própria história em ser conhecida, partilhada, perpetuada. Considerando que o texto metaficcional renova as relações entre autor, leitor e narrativa, desconstruindo hierarquias e legitimando o envolvimento do leitor com a história, é possível perceber que, em Dunyazadíada, a narrativa apresenta o desejo como metáfora da dinâmica do contar, ouvir, ler e recompor histórias.

Palavras-chave: desejo, narração, metaficção

1 Introdução

Dunyazadíada (Dunyazad), novela que compõe a coletânea *Quimera (Chimera, 1972)* de John Barth juntamente com *Perseíada (Perseiad)* e *Belerofoñíada (Bellerophoniad)* – é uma releitura do *Livro das Mil e Uma Noites* que, através de diversos procedimentos metaficcionais, engendra novas significações a uma das mais antigas narrativas da literatura universal. Dunyazade, irmã de Scheherazade, torna-se narradora da história em que as irmãs, auxiliadas por um gênio, tomam conhecimento das narrativas que deverão ser contadas ao rei na intenção de deter sua vingança contra as mulheres do país.

O gênio, vindo do século XX, surgiu misteriosamente por translação temporal e espacial e corresponde à figura do próprio escritor (John Barth). Confessadamente apaixonado (e inspirado) por Sheherazade e pela sua estratégia de sobrevivência através do contar histórias, esse gênio traz do futuro (e do seu próprio exemplar do *Livro das Mil e Uma noites*) as narrativas que ela deveria contar ao rei Shahryar como forma de distraí-lo de seu plano de vingança. Compartilhar (ou devolver) essas histórias com a heroína não soluciona apenas os problemas dela, mas também traz alívio para as inquietações do próprio gênio-escritor com relação à sua produção literária.

O afeto do gênio por Scheherazade proporciona o contato entre os dois e traz à tona os aspectos metaficcionais do texto. Os dois são contadores de histórias e se encontram em momentos cruciais de suas missões: ele se encontra em meio a uma crise criativa típica dos escritores contemporâneos que o leva a questionar a originalidade de seus textos e a relação deles com a tradição literária, ela busca uma forma de usar as narrativas em favor da sobrevivência.

Dunyazadíada ressalta o desejo como afetividade que permeia o *Livro das Mil e Uma Noites*, transformando-o em elemento que representa o processo de construir, narrar, ouvir (ler) histórias, evidenciando a construção metaficcional do texto.

2 *Dunyazadíada: a chave do tesouro é o tesouro*

O primeiro encontro entre Scheherazade, Dunyazade e o gênio se dá ao ser proferida a sentença “a chave do tesouro é o tesouro”. O gênio chega ao mundo das mil e uma noites e sua aparência contrasta com essa realidade: “[...] pele clara, de uns quarenta anos, sem barba e calvo como um ovo. Suas roupas eram simples, mas bizarras; era alto e saudável, e de aparência bastante agradável, exceto pelas lentes esquisitas que usava numa armação em frente aos olhos.” (BARTH, 1985, p.9). Além de seu aspecto excêntrico para as irmãs, ele ainda se apresenta como escritor de contos em plena crise já que as pessoas de seu país não gostavam mais de ler e que “Nos tempos atuais [...] os únicos leitores de ficção artística eram críticos, outros escritores e estudantes contrariados [...]” (BARTH, 1985, p.9); essas revelações denotam indícios metaficcional e deixam as personagens envolvidas perplexas com a excepcionalidade desse encontro.

Acentuando essa excepcionalidade, o gênio se declara admirador de Scheherazade, sua contadora de histórias favorita. A identificação do gênio por ela se dá, portanto, pelo fato de ambos se dedicarem à mesma arte: a de narrar. Percebendo que dialoga com Scheherazade antes mesmo que ela soubesse de seu destino como contadora de histórias ao longo de mil e uma noites, o gênio não apenas a revela sua missão, como se compromete a compartilhar as narrativas na ordem exata em que devem ser contadas ao rei.

Movidos pelo propósito de solucionar suas crises, Scheherazade e o gênio se encontram e travam debates acerca de seu principal impasse: a produção de narrativas. Os dois passam por momentos cruciais de vida, momentos em que se defrontam com histórias a serem contadas, cujos artifícios são, aparentemente, ignorados. As inquietações do gênio/escritor se relacionam à sua produção narrativa:

Sua carreira [...] havia alcançado um hiato que ele gostaria de chamar de ponto decisivo se pudesse vislumbrar qual decisão tomar: não queria nem repudiar nem repetir realizações passadas; aspirava a ir além delas, em direção a um futuro com o qual elas não estavam em sintonia e, por alguma magia, ao mesmo tempo retornar às fontes originais da narrativa. (BARTH, 1985, p.10)

Scheherazade, por sua vez, sabia que as histórias contidas nas mitologias e no folclore apresentavam uma forma de salvação, mas, ao mesmo tempo, não vislumbrava a forma pela qual deveria lançar mão desse repertório:

A mágica está nas palavras – *Abracadabra, Abre-te, Sésamo*, e todas as outras –, mas as palavras mágicas de uma história não têm magia na outra. A verdade mágica está em entender quais as palavras que funcionam, quando e para quê; o truque está em aprender o truque. (BARTH, 1985, p.8)

Pronunciada involuntariamente pela primeira vez, a sentença “a chave do tesouro é o tesouro” passa então a servir como palavras mágicas que tanto o gênio, como Scheherazade proferem sempre que desejam se encontrar e partilhar de angústias típicas dos criadores literários, remontando também à essência da construção metaficcional que, ao exhibir os artifícios de construção literária inseridos e representados na história, oferece ao leitor (ou exige dele) formas renovadas de atribuição de sentido. Perceber, conhecer e compreender as estratégias de construção narrativa (chave) é, na metaficção, construir o próprio sentido do texto (tesouro), já que o texto metaficcional traz em seu eixo temático – através de procedimentos diversos, como alegoria, paródia, metáfora – discussões acerca das estratégias de construção e/ou recepção literárias.

A partir dos encontros entre o gênio e Scheherazade se percebe a construção narrativa em abismo (*mise en abyme*) – uma vez que Scheherazade e Dunyazade estão no início de suas histórias quando o gênio/escritor aparece e resolve compartilhar as histórias das *Mil e Uma Noites* com elas e, paralelamente a isso, está escrevendo a história de seu encontro com essas personagens – e diversas discussões sobre o contar histórias e sobre o próprio fazer literário. Esse aspecto entra em contato com a ideia básica de metaficção como “ficção que inclui em si mesma um comentário acerca de sua natureza ficcional e/ou identidade linguística” (HUTCHEON, 1991, p. 1, tradução nossa), ou “(...) fenômeno estético autorreferente através do qual a ficção duplica-se por dentro, falando de si mesma ou contendo a si mesma” (BERNARDO, 2010, p. 9), produzindo uma narrativa que estabelece um diálogo de recriação e ressignificação do *Livro das Mil e Uma Noites*.

3 Afetos e construção metaficcional em *Dunyazadíada*

Em *Dunyazadíada*, as construções metaficcionais se manifestam frequentemente por intermédio dos afetos, sobretudo do desejo em suas diversas feições (desejo fruto da admiração, desejo sexual, desejo por narrativas, desejo pela vida). A admiração que o gênio nutre por Scheherazade se confunde com a realidade cotidiana e com o próprio ofício do escritor, que:

[...] contraíra uma paixão por Scheherazade ao ler pela primeira vez as histórias que ela usara para encantar o rei Shahryar, e havia mantido essa paixão tão ardentemente desde então, que seus romances com outras mulheres “de verdade” lhe pareciam, em comparação, irrealis. Seu casamento de duas décadas nada era além de uma contínua infidelidade a ela, suas próprias obras de ficção, imitações, pálidas falsificações do autêntico tesouro das suas *Mil e uma noites*. (BARTH, 1985, p.12)

Embriagado por essa imbricação de realidades, o gênio/escritor chegou a eleger como amante uma mulher “devido a certas semelhanças com Scheherazade” e parecendo satisfeito com essa “cópia”, com o tempo, “ele apenas a desejava como os antigos gregos às suas musas, como uma fonte de inspiração” (BARTH, 1987, p.15). O desejo é, dessa forma, a afetividade que o impulsiona a partilhar as histórias que deverão ser contadas, sendo o desejo pela sobrevivência de Scheherazade, por extensão, desejo pela sobrevivência do ato de contar histórias e das próprias histórias em si.

A ligação afetiva do Gênio com Scheherazade explicita a construção narrativa em abismo, “uma das maiores técnicas do narcisismo literário [ou metaficção]” (HUTCHEON, 1991, p.153, tradução nossa), através do qual o texto apresenta autorreflexividade no intuito de fazer referência a seu próprio processo de composição e/ou recepção. Scheherazade e Dunyazade vivenciam a história d’*As Mil e Uma Noites* que, por sua vez, é reescrita pelo gênio/escritor ao mesmo tempo em que este mantém contato com as irmãs para compartilhar as histórias que devem ser contadas ao rei. Encontra-se, portanto, a duplicação de narrativas cujo processo de significação consiste em desafiar o leitor a reconstruir o sentido do texto.

Além do sentimento do gênio por Scheherazade, diversas afetividades se encontram relacionadas ao aspecto metaficcional do texto de John Barth. *Dunyazadíada* realça as relações afetivas e/ou sexuais que são sugeridas no *Livro das Mil e Uma Noites*, servindo-se delas na construção de metáforas referentes ao processo de construção, leitura, compreensão de narrativas: Scheherazade busca conquistar Shahryar através de histórias contadas sempre após o ato sexual, momento propício “para expressar e acentuar a comunhão entre amantes (...)” (BARTH, 1987, p.22). O ato sexual, por sua vez, serve como metáfora da estrutura narrativa, como inferem Scheherazade e o gênio:

O gênio afirmou que na sua época e lugar havia cientistas das paixões que declaravam que a linguagem em si, de um lado, originava-se numa “exuberância erótica progenital infantil, polimorficamente perversa” e que a atenção consciente, por outro lado, era um “hipercatexe libidinoso” – por cujas frases mágicas eles pareciam querer dizer que escrever e ler ou contar e ouvir eram literalmente maneiras de fazer amor. Se esse era o fato, nem ele nem Sherry se importavam; e, no entanto, gostavam de falar *como se fosse o caso* (suas palavras favoritas), e explicavam desse modo a semelhança entre a estrutura dramática convencional – sua exposição, ação progressiva, clímax e desfecho – e o ritmo da relação sexual, indo de carícias preliminares, através do coito, para ao [*sic*] orgasmo e o relaxamento. (BARTH, 1985, p. 22)

Esse vínculo simbólico entre a arte narrativa e a sexual sugere uma metáfora que será retomada ao longo do texto, sobretudo por meio da ligação entre o rei e a contadora de histórias. A relação de desejo de Scheherazade e Shahryar faz referência ao processo de narração e recepção literárias e se relacionam com a discussão metaficcional sobre os papéis de leitor e autor. O texto metaficcional “exige que ele [o leitor] participe, que se envolva intelectualmente, imaginativamente e afetivamente em sua cocriação” (HUTCHEON, 1991, p. 7, tradução nossa); tal envolvimento se encontra representado também nas próprias considerações do gênio:

A narrativa [...] era uma relação de amor, não uma violação: seu sucesso dependia do consentimento e da cooperação do leitor, que ele poderia reter e a qualquer momento retirar; também da sua própria combinação de experiência e talento para o trabalho e da habilidade do autor em suscitar, manter e satisfazer o seu interesse – uma habilidade da qual dependia a vida figurativa, tão certamente como a literal, de Scheherazade. (BARTH, 1985, p.23)

O texto de John Barth, portanto, utiliza-se da história de Shahryar e Scheherazade para a construção de uma alegoria do processo de leitura. A relação de desejo sexual e paixão protagonizada por eles representa o processo de leitura, no que tange à desconstrução da hierarquia autor-leitor. Na narrativa metaficcional, em oposição às narrativas de pretensões realistas, o leitor “é forçado a reconhecer o artifício, a ‘arte’, do que está lendo” (HUTCHEON, 1991, p.5, tradução nossa) e a agir como co-criador, envolvido afetiva e intelectualmente com a construção de sentido. Em *Dunyazadíada*, o rei se envolve afetivamente com Scheherazade por meio das histórias contadas e, representando o leitor metaficcional, participa ativamente dessa construção, dissolvendo a hegemonia do autor (Scheherazade), já que detém o poder sobre a continuidade das histórias (sobre a vida da contadora). O gênio mesmo explica essa metáfora enquanto a reconhece nas diversas narrativas tradicionais:

[...] o grande épico chamado Odisseia, por exemplo, em que o herói retorna para casa após vinte anos de guerras e viagens, faz amor com sua fiel esposa e reconta todas as suas aventuras para ela, na cama, enquanto os deuses prolongam a noite para ele; outra obra chamada *Decamerão*, na qual dez calheiros e damas da corte, refugiando-se em suas casas de campo de uma peste urbana, se entretêm no fim de cada dia com histórias [...] como um substituto para o ato do amor – um artifício muito próprio da natureza artificial da pequena sociedade deles. E naturalmente aquele livro sobre a própria Sherry, que ele alegou estar lendo, em sua opinião o melhor exemplo de que o próprio relacionamento entre o contador e o ouvinte era de natureza erótica. (BARTH, 1985, p. 23)

Dessa forma, em *Dunyazadíada*, o desejo (do rei pela concubina e, por conseguinte, pelas histórias)

garante a sobrevivência de Scheherazade e, por extensão, da narração. O amor, que emerge dos momentos compartilhados pelo rei e por Scheherazade garante a salvação da heroína, ou do ato de contar (produzir) histórias.

Conclusão

A narrativa do *Livro das Mil e uma Noites* sugere a ideia de desejo e narração como formas de sobrevivência (uma vez que Scheherazade conta as histórias, despertando o desejo do rei tanto por ela como pela continuidade das narrativas noite após noite, em busca de sua sobrevivência), já em *Dunyazadíada*, esse aspecto é reaproveitado: a afetividade (incorporada no texto em suas diversas feições: amor, paixão e, sobretudo, desejo) está intimamente ligada à dinâmica do contar (produzir, ler, interpretar) histórias; discussão que o texto, através de recursos metaficcionalis, sustenta ao longo de toda a narrativa.

A analogia entre as relações afetivas e/ou sexuais e a construção narrativa em *Dunyazadíada* é recorrente. A própria relação entre Scheherazade e Shahryar remete ao processo de recepção literária: a contadora busca agradar (e conquistar afetivamente) seu ouvinte, adotando estratégias narrativas que incitem sua curiosidade e seu desejo pela continuidade das histórias, que são sempre contadas após o ato sexual. O ouvinte, por sua vez, pode ou não se deixar envolver pela narração, ele tem poderes diante do contador e da história contada, assim como na narrativa d'As mil e uma noites o rei pode matar Scheherazade e continuar seu plano genocida. Scheherazade precisa despertar o desejo do rei pelas histórias e por ela mesma. Contar histórias (e optar pelos artifícios narrativos mais convenientes e sedutores, ou seja, produzir narrativa) é uma forma de sobrevivência não apenas do contador, mas da própria história, do processo de narração e de construção narrativa.

Referências Bibliográficas

- 1] BARTH, John. **Quimera**. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.
- 2] BERNARDO, Gustavo. **O livro da metaficção**. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.
- 3] HUTCHEON, Linda. **Narcisistic Narrative: The Metafictional Paradox**. Great Britain: Routledge, 1991.
- 4] LIVRO das mil e uma noites. Tradução de Mamede Mustafa Jarouche. São Paulo: Globo, 2006.
- 5] LODGE, David. Metaficção. In: **A arte da ficção**. São Paulo: L&PM, 2010.